

A decolonialidade nas personagens Autua e Sonmi~451, de *Cloud Atlas*, romance de David Mitchell

DAVI SILISTINO DE SOUZA¹

Neste trabalho, evidenciaremos de que maneira as personagens subalternas adquirem empoderamento frente ao poder hegemônico nos capítulos “The Pacific Journal of Adam Ewing” e “An Orison of Sonmi~451”, isto é, veremos como as vozes e os discursos dessas personagens se ampliam e ganham mobilidade diante de sociedades autoritárias e excludentes. Discutiremos conceitos recentes acerca dos estudos subalternos latinos, principalmente os relacionados com a decolonialidade, e perceberemos de que maneira eles estão dispostos na narrativa em voga. Além disso, será feita uma reflexão acerca da necessidade das narrativas decoloniais estarem intimamente ligadas e dentro das metanarrativas hegemônicas.

O conceito de decolonialidade foi cunhado primeiramente por pensadores do Grupo de Estudos Subalternos Latinos, representados por Walter M. Dignolo, Arturo Escobar, Enrique Dussel e Santiago Castro-Gomes, com o objetivo de expor: a perpetuação da colonialidade após o fim da colonização e a necessidade de uma luta constante para subverter a situação. O grupo hoje encontra-se desagregado, devido a divergências de percepção individual acerca de novos conceitos. De acordo com Grosfoguel (2008), alguns dos membros conservaram-se focados apenas em pesquisas eurocêntricas, ou seja, cujas teorias foram produzidas e ainda são sediadas na região norte do globo.

Sabemos que os Estudos Subalternos surgiram por meio da valorização dos chamados “os quatro cavaleiros do Apocalipse” (MALLON, 1994) — Foucault, Derrida, Gramsci e Guha —, e que aqueles membros voltaram a atenção para os três pensadores eurocêntricos, enquanto o não-europeu (Índia) foi, de certa forma, relegado. Foucault e Derrida, por exemplo, são uns dos principais autores dos movimentos pós-estruturalistas/pós-modernos, os quais apresentam, em certos momentos, uma perspectiva eurocêntrica (embora na sua maioria demonstrem estar aliados ao tema da subalternidade, assim como visto adiante). Para Grosfoguel, há uma necessidade de incluir mais pensadores não europeus, fornecendo-os

¹ UNESP/IBILCE; licenciado em Letras com habilitação em inglês, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras no UNESP/IBILCE; FAPESP.

plataformas de exposição. Critica-se, assim, o fato de não se dar força ao âmbito regional latino, isto é, desconsiderando o outro e reputando valor para o lado conservador dos europeus citados.

Compreendemos que a motivação de Grosfoguel, por trás da crítica ao estudo pautado nos autores eurocêntricos, é estabelecer uma caracterização forte do conceito de decolonialidade, o qual preza pela possibilidade de fala do subalterno. No entanto, não podemos, de maneira alguma, desconsiderar as contribuições dos europeus citados para a modificação das estruturas hegemônicas. Derrida, por exemplo, por meio do conceito de desconstrução, apresenta fortes críticas às hierarquias da sociedade capitalista moderna, no sentido de que defende a inversão das tradicionalmente impostas. Ao invés de cair em um discurso extremista, o pensador compreende essa situação como um jogo, em que há uma alternância contínua do poder, jamais binário. Já Foucault, embora hegemônico quando sustenta que nada pode ser pensado fora da estrutura do poder (*A palavra e as coisas*), fornece aportes contra hegemônicos de suma importância para o estudo subalterno quando escreve *A história da loucura* e *A história da sexualidade*, revelando iniquidades quando o pensamento dominante influencia no “diagnóstico” da loucura e da subjugação do corpo humano.

Concordamos com Grosfoguel (2008) quando afirma a necessidade de uma perspectiva não centralizadora. Percebemos que a decolonialidade não se dá como “[...] uma crítica anti-europeia fundamentalista e essencialista. Trata-se de uma perspectiva que é crítica em relação ao nacionalismo, ao colonialismo e aos fundamentalismos, quer eurocêntricos, quer do Terceiro Mundo.” (p. 117). Como comprovado, o próprio Grosfoguel não cai em extremismos. Ele não atesta apenas a exclusão dos europeus. A proposta do crítico é a inclusão de mais autores não europeus, de linhas de pensamentos mais amplas na rede epistemológica, abarcando não somente o cânone dissidente, mas também os subalternos.

Aproveitamos tal momento para observar que a narrativa de *Cloud Atlas* gira em torno justamente de um pensamento não dual e extremista, em que há uma busca pela união de tribos, civilizações, grupos sociais, entre outros comumente adversários. Tal característica perpassa diversas épocas, desde os meados do século XIX até os meados do século XXIV, ou seja, manifestando-se em instantes em que o período histórico do colonialismo ainda não havia chegado a um término, e em momentos em que a colonialidade permanece, ainda que sem as administrações coloniais.

As relações histórico-políticas coloniais não milagrosamente desaparecem das civilizações; as ideologias e os pensamentos hegemônicos não são simplesmente descartados. Há uma permanência em grande parte dos países do racismo, da homofobia, do machismo, entre outras ideologias opressoras, provenientes da canonizada. O pensamento de que a colonialidade não existe se constrói em cima do que Grosfoguel (2008) chama de um dos maiores mitos do século XX. Segundo o teórico, esse mito

[...] foi a noção de que a eliminação das administrações coloniais conduzia à descolonização do mundo, o que originou o mito de um mundo “pós-colonial”. As múltiplas e heterogêneas estruturas globais, implantadas durante um período de 450 anos, não se evaporaram juntamente com a descolonização jurídico-política da periferia ao longo dos últimos 50 anos. Continuamos a viver sob a mesma “matriz de poder colonial”. (p. 126)

De fato, apesar da independência política da maioria dos países, os povos ainda mantêm uma relação hierárquica com os poderes ocidentais, cuja clara dominação política e exploração econômica ainda acontecem. Mesmo sendo inglês, Mitchell² traz em suas narrativas não somente o poder hegemônico, mas sua contrapartida nas vozes da subalternidade. A importância dos protagonistas, dos embates, das lutas sociais e das resoluções de conflitos, se dá pelo fato de que, a cada capítulo, o subalterno consegue se empoderar e encontrar plataformas para expor pensamentos e ideologias próprios. Ou seja, a dominação política e social, a subjugação corporal, o poder e o efeito da colonialidade; todos são reduzidos na medida em que os subalternos começam a lutar e conquistar direitos e momentos de fala. Mitchell, portanto, faz-se dissidente como Derrida e Foucault.

Autua e o poder decolonial

Tratando do capítulo “The Pacific Journal of Adam Ewing”, um dos objetos de análise nesse capítulo, a luta de Autua, escravo Moriori da tribo Maori nas ilhas da Nova Zelândia, é

² É interessante notar a perspicácia de Mitchell ao conseguir captar a atmosfera separatista contemporânea da Inglaterra, cujos avanços chegaram ao ápice de, em 2016, tomar à resolução de sair da União Europeia (UE). Em um momento histórico em que cresce consideravelmente o número de imigrantes, seja de países europeus, seja de ex-colônias, a Inglaterra reage desesperadamente pautada num movimento nacionalista. Ao não mais fazer parte da UE, vê-se a possibilidade de combater a iminente crise econômica europeia. *Cloud Atlas*, assim como compreendemos, serve justamente para criticar essas posturas extremistas, expondo que tais atitudes reacionárias servem para a hegemonia permanecer no poder silenciando os marginalizados e que a união das diversas civilizações pode ser capaz de promover a paz mundial.

um pouco conturbada e diferenciada: explicaremos esse modo de enfrentamento a seguir. Consideramos a colonialidade na personagem manifesta por meio de uma dupla colonização, tendo em vista o contato hierárquico e de dominação com a tribo Maori e com a população inglesa.

Para compreender o fenômeno, precisamos nos atentar à historiografia da região das ilhas da Polinésia, exclusivamente na Nova Zelândia. Antes das navegações e explorações europeias, existem duas tribos aborígenes principais: os Maoris e os Morioris. Enquanto os primeiros detêm o domínio quase completo das ilhas da Nova Zelândia, os segundos ocupam principalmente uma ilha chamada pelos nativos de *Rēkohu*, ou posteriormente das ilhas Chatham.

Diferentemente dos Maoris, os Morioris adotam, desde a chegada em *Rēkohu*, a lei de Nunuku, criada pelo líder Nunuku-Whenua, e cujos princípios básicos são a proibição do assassinato e do canibalismo. De acordo com Davis e Solomon (2016), tal líder se pronuncia aos nativos por meio da seguinte frase: “De agora em diante, até o sempre, nunca mais haverá guerra assim como se vê hoje.”. As atitudes e ideologias pacíficas não são compartilhadas pela outra tribo, a qual vê as guerras como algo indispensável para a prosperidade dos povos: “Maori prosperam por meio de guerras & vingança & disputas, mas a paz os mata.” (MITCHELL, 2004, p. 32)³, nas palavras de Autua.

A pacificidade Moriori se mantém inalterada até o momento em que há uma invasão Maori, com o auxílio de armas e navios dos colonizadores ingleses, e o massacre de muitos. Muitos são mortos pelas doenças trazidas da Europa, sendo que outros morrem brutalmente nas mãos dos Maori. Os que restam são escravizados pelos Maoris em condições precárias. Dentre todas as atrocidades cometidas pelos Maoris, estão inclusas a destruição dos locais religiosos e a “esterilização” — proibição das uniões entre Morioris, impedindo a continuidade genealógica.

Apesar das diferenças, ambas as tribos possuem uma descendência em comum, provenientes dos polinésios que ocuparam a região da Nova Zelândia no século XIII. Segundo Howe (2016), a separação das tribos se dá possivelmente em 1500, quando os Morioris migram para as ilhas adjuntas ao país. É necessário mencionar que, no século XIX, a

³ Tradução nossa do excerto: "Maori thrive on wars & revenge & feudin', but peace kills 'em off." (MITCHELL, 2004, p. 32)

historiografia considera os Morioris provenientes da Malásia, sem qualquer relação genealógica com os Maoris. Essa historiografia, feita por colonizadores ingleses baseados em relatos Maoris, revela apenas a posição ideológica de afastamento das tribos e da escravização dos Morioris por parte dos outros índios. Mais ainda, tal história, denominada “a história da grande frota” (“The Great Fleet story”), reforça a crença de que “[...] os colonizadores europeus eram a próxima população ‘superior’, que iriam assumir o papel ocupado pelos Maoris.” (HOWE, 2016)⁴

Este olhar historiográfico eurocêntrico, amplamente divulgado em 1904, deixa clara a posição colonial de justificação da colonização dos Morioris pelos Maoris e pelos Ingleses. Mais do que isso, nos permite perceber a presença da crença no mito ocidental denominado por Castro-Gómez (2005) de “hybris do ponto zero”⁵ (p. 25), cuja assertiva é a de que existe um ponto zero relacionado à epistemologia e às filosofias eurocêntricas. O mito provém da ideia de Descartes de que, para o pensamento científico ser concreto e válido, é necessária a eliminação, por parte do pesquisador, de todas as opiniões anteriores, dos contextos situacionais capazes de influenciar o resultado do experimento. Precursor do Iluminismo e do racionalismo moderno, o filósofo depreende que na pesquisa científica deve-se ter um ponto de partida, sendo todos os fatos e teorias anteriores simplesmente rejeitados.

A afirmação da neutralidade e do marco inicial historiográfico permite o apagamento da existência Moriori, ressaltando e trazendo como fatos iniciais o domínio Maori e, principalmente, a chegada dos Europeus. Ou seja, por meio da justificativa de imparcialidade, a perspectiva teórica eurocêntrica continua no ápice, enquanto as subalternas permanecem silenciadas. A respeito disso, Castro-Gómez (2005) comenta que

Começar tudo de novo significa ter o poder de nomear pela primeira vez o mundo; de trazer fronteiras para estabelecer quais conhecimentos são legítimos e quais são ilegítimos, definindo, ademais, quais comportamentos são normais e quais são patológicos. Segundo ele, o ponto zero é o do começo epistemológico absoluto, mas também o do controle econômico e social sobre o mundo. Localizar-se no ponto zero equivale a ter o poder de instituir, de representar, de construir uma visão sobre o mundo social e natural reconhecida como legítima e garantida pelo Estado. (p. 25)⁶

⁴ Tradução nossa do excerto: “[...] European settlers were the next ‘superior’ people, who would take over from Māori.” (HOWE, 2016)

⁵ Tradução do sintagma: “hybris del punto cero” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 25)

⁶ Tradução do excerto: “Comenzar todo de nuevo significa tener el poder de nombrar por primera vez el mundo; de trazer fronteras para establecer cuáles conocimientos son legítimos y cuáles son ilegítimos, definiendo

Dessa maneira, não é por acaso que há uma perpetuação do domínio epistêmico, econômico e social sob a perspectiva eurocêntrica na região da Nova Zelândia até décadas atrás. Não é por acaso também que a cultura dos Morioris vem sendo silenciada desde o massacre cometido pelos Maoris, somente sendo resgatada e retornando à discussão na atualidade (século XXI).

Toda essa contextualização se faz necessária devido ao fato de Autua ser pertencente à última geração de Moriori, sobrevivente das doenças trazidas pelos Ingleses e do massacre feito pelos Maoris. A personagem vive ainda num período em que há a escravização dos Morioris pelos Maoris, no qual sua cultura é desvalorizada e literalmente apagada, e em que há um domínio e presença forte dos Europeus na Oceania. Dessa maneira, a dupla colonialidade nessa personagem se constrói pela subjugação, principalmente, perante a tribo oposta, mas também com relação aos europeus.

Frente às atitudes mais agressivas e repressoras dos Maoris, Autua se limita a ser obstinado e não permitir o silenciamento ou exploração pela outra tribo. O escravo Moriori foge diversas vezes do domínio Maori, entretanto, vê como única alternativa de sobrevivência o envenenamento do líder da tribo: “Veneno ruim ruim esse peixe *moeeka*, senhor Ewing, um mordida, sim, você dorme, você nunca acorda mais.” (MITCHELL, 2004, p. 31)⁷. Ao buscar a liberdade por meio da vingança pela escravização de semelhantes, a atitude de Autua, além de manchar o histórico e ir expressivamente contra a lei de Nunuku, pode ser considerada como um princípio de manifestação fundamentalista subalterna contrária à colonialidade.

Ainda mais perigoso, a atitude evidenciada por Autua pode ser vista como um possível prelúdio às ações mais assertivas dos subalternos fundamentalistas. A tentativa de envenenamento é uma ação desesperada da personagem em se libertar do grande mal recebido por anos; entretanto, essa atitude apenas alimenta os binarismos e a segregação de culturas.

Aparentemente, apesar das ações de certo cunho extremista, Autua não demonstra querer voltar a um período mais primitivo ou apagar as influências coloniais. De fato, o

además cuáles comportamientos son normales y cuáles patológicos. Por ello, el punto cero es el del comienzo epistemológico absoluto, pero también el del control económico y social sobre el mundo. Ubicarse en el punto cero equivale a tener el poder de instituir, de representar, de construir una visión sobre el mundo social y natural reconocida como legítima y avalada por el Estado.” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 25)

⁷ Tradução nossa do excerto: “Bad bad poison this *moeeka* fish, Missa Ewing, one bite, aye, you sleep, you never wake no mo’.” (MITCHELL, 2004, p. 31)

escravo moriori se aproxima fortemente da cultura ocidental, principalmente no tocante à religião católica, visto as semelhanças com o pacifismo vivenciado pela tribo. As atitudes contrárias e de resistência da personagem se revelam mais com relação aos Maoris do que com os europeus, que, apesar de o tratar muitas vezes de modo racista e preconceituoso (exploraremos esse assunto mais adiante), apresentam ideologias pacíficas.

Pode-se argumentar que Autua se mostra subordinado e até alienado perante a colonialidade inglesa, assim como se demonstra no trecho seguinte: “Autua escapou novamente e, durante o segundo momento de liberdade, lhe foi permitido asilo secreto pelo senhor D`Arnoq, por alguns meses, com o mesmo risco do último [asilo]. Nessa residência temporária, Autua fora batizado e convertido ao Senhor.” (MITCHELL, 2004, p. 31). No entanto, defendemos aqui a premissa de que o subalterno pode ter voz independente do contexto, mas esta somente se amplia de maneira eficaz caso se manifeste dentro das metanarrativas hegemônicas.

Compreendemos que Autua tem consciência da função colonial eurocêntrica exercida na presença europeia nas ilhas da Nova Zelândia, mas entende também que sem a união com a cultura inglesa, difícil e demoradamente sairia da escravização Maori. Destarte, apesar de a personagem se converter a religião católica, é duvidável que o aborígene acate essa nova cultura de modo alienante. Em certos momentos da narrativa, é possível inclusive notar como Autua mantém partes das próprias crenças, como no relato de sua fuga para Ewing: “Noites, ancestrais visitavam. Dias, eu contava histórias de Maui para os pássaros e os pássaros contavam histórias do mar para eu.” (MITCHELL, 2004, p. 32)⁸.

Vale lembrar ainda que o capítulo do romance é escrito sob a autoria de Adam Ewing, isto é, repleto de ideologias e perspectivas culturais ocidentais. Dessa maneira, há a possibilidade de este ter exacerbado na conversão religiosa de Autua tendo em vista o “destino civilizatório” presente na mentalidade eurocêntrica.

Desse modo, compreendemos que a dupla colonização de Autua se constitui na medida em que há uma influência de ordem direta e violenta quanto aos Maoris e de ordem indireta e velada quanto aos Europeus. É importante notar que a personagem não abandona suas origens aborígenes nem relega as qualidades dos colonizadores ingleses; ao contrário,

⁸ Tradução nossa do excerto: “Nights, ancestors visited. Days, I yarned tales of Maui to birds & birds yarned sea tales to I.” (MITCHELL, 2004, p. 32)

abstrai as hierarquias marginalizadoras das características positivas do sistema capitalista e das estruturas sociais indígenas, isto é, recusa pontos frágeis e negativos em prol dos positivos, como a possível bondade e pacifismo presentes nas ideologias cristãs europeias, e o misticismo e as crenças de sua tribo.

Sonmi~451 e o giro decolonial

Vimos momentos atrás que, por meio da *hybris* do ponto zero, as teorizações eurocêntricas são valorizadas e reforçadas em detrimento da cultura marginalizada, rapidamente obliterada. No entanto, a voz subalterna não deixa de existir, afinal tais grupos são capazes de falar e de expressar teorias e histórias. Para entendermos como conseguem se manifestar na sociedade, podemos recorrer à Sonmi~451, do capítulo “An Orison of Sonmi~451”, personagem que, apesar de ser oprimida por uma sociedade capitalista decadente, consegue mudar o mundo por meio de seus escritos.

Sonmi é uma escrava clone coreana, vivendo em um futuro distópico, no qual o mundo já se encontra repleto de decadência e destruição, porém com tecnologias avançadas. Um desses progressos é justamente o desenvolvimento de programas de criação de clones, que servem incondicionalmente, sob o custo mais inferior possível, os cidadãos dessa nova organização mundial. De fato, a rotina de Sonmi é a de uma escrava:

“Um servo é acordado na hora 4:30 por um estímulo na corrente de ar, depois convocado a se levantar no nosso dormitório. [...] Na hora 5:00 nós organizamos as caixas ao redor do balcão, à espera do elevador trazer os primeiros consumidores do novo dia. Pelas próximas 19 horas nós saudamos os clientes, recebemos os pedidos, entregamos a comida, vendemos bebidas, estocamos condimentos, limpamos mesas, e jogamos o lixo fora.” (MITCHELL, 2004, p. 185)⁹

Desenvolve-se no século XXII um governo corporático, isto é, pautado nos interesses e anseios de grandes corporações capitalistas. O extenso domínio dessas empresas faz com que grande parte da população viva de forma alienada, mantendo uma ideia de que essa variante do capitalismo é apenas um sistema econômico neutro. Pode-se notar tal fato na

⁹ Tradução nossa do excerto: “A server is woken at hour four-thirty by stimulin in the airflow, then yellow-up in our dormroom. [...] At hour five we man our tellers around the Hub, ready for the elevator to bring the new day’s first consumers. For the following nineteen hours we greet diners, input orders, tray food, vend drinks, upstock condiments, wipe tables, and bin garbage.” (MITCHELL, 2004, p. 185)

reação do arquivista, personagem que realiza a última entrevista de Sonmi, quando esta revela o quão perverso é o sistema em que vive:

O que você descreve vai além do ... imaginável, Sonmi~451. Assassinando clones para abastecer restaurantes com comida e Sabão ... não. A acusação é absurda, não, é injusta, não, é uma blasfêmia! [...] sendo um consumidor da corpocracia, eu sou obrigado a dizer que aquilo que você diz ter visto deve, deve ter sido criado pela União ... um cenário para o seu proveito. Nenhum tipo de "sistema de massacre" poderia ser permitido existir. O Amado Presidente nunca permitiria! [...] Se clones não fossem pagos pelo trabalho com a ida para comunidades de retiro, a pirâmide inteira seria a mais abominável perfídia. (MITCHELL, 2004, p. 343-344)¹⁰

A visão de que o sistema capitalista é apenas um sistema econômico, sem defeitos ou ideologias opressoras, é mantida pelo arquivista, visto que também se insere na sociedade como um consumidor, isto é, um cidadão da corpocracia. Faz-se necessário, entretanto, perceber, de acordo com Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), “[...] que o capitalismo não é apenas um sistema econômico [...], nem tampouco apenas um sistema cultural [...], mas sim uma *rede global de poder*, integrada por processos econômicos, políticos e culturais [...]” (p. 17).¹¹ O perigo de se entender o capitalismo de maneira neutra, servindo apenas a esfera econômica é justamente a possibilidade de desconsiderar e rejeitar qualquer relação com as minorias subalternas e o reducionismo resultante disso. Sonmi e a cruel realidade dos clones é refutada e rechaçada pelo arquivista, ainda que a opressão e a subalternização desse grupo ocorram.

O processo de criação dos clones na narrativa, à princípio, funcionaria como a elaboração de “máquinas” não pensantes e inanimadas, porém se torna o início de uma nova classe de subalternos — os clones são, apesar de possuírem uma fisiologia distinta dos seres humanos, seres vivos subjugados e tratados como objetos. Habitando essa atmosfera colonial,

¹⁰ Tradução nossa do excerto: “*What you describe is beyond the ... conceivable, Sonmi~451. Murdering fabricants to supply dineries with food and Soap ... no. The charge is preposterous, no, it's unconscionable, no it's blasphemy! [...] as a consumer of the corpocracy, I am impelled to say, what you saw must, must have been a Union ... set created for your benefit. No such ... 'slaughtership' could possibly be permitted to exist. The Beloved Chairman would never permit it! [...] If fabricants weren't paid for their labor in retirement communities, the whole pyramid would be ... the foulest perfidy.*” (MITCHELL, 2004, p. 343-344)

¹¹ Tradução nossa do excerto: “*Debemos entender que el capitalismo no es sólo un sistema económico [...] y tampoco es sólo un sistema cultural [...], sino que es una red global de poder, integrada por procesos económicos, políticos y culturales [...]*” (Castro-Gómez e Grosfoguel, 2007, p. 17)

na qual há uma colonização e escravidão “justificadas”, vivem uma existência desprezível, com obrigações injustas e condições precárias de sobrevivência.

Além disso, submetidos a um sistema alienatório, não são permitidos pensar, questionar ou raciocinar, seguindo as ordens de pessoas hierarquicamente superiores. A alienação se dá na medida em que os clones, principalmente os projetados para trabalharem na rede de restaurantes Papa Song, realizam todos os dias as mesmas atividades, sendo uma das primeiras a recitação de seis “catecismos” e ouvir o sermão feito pelo “Logoman”, uma espécie de pastor.

Esse senso de superioridade, construído no “sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal” (acrescenta-se agora corporático), revela que, por detrás de um sistema econômico, está presente diversas questões de exploração, dominação e subjugação cultural, político e histórico. Sonmi~451 não apenas sofre da dominação econômica e social dos sangue-puros¹², como também de outras hierarquias, como a sexual (machismo). Afinal, porque razão somente clones mulheres são criadas para trabalharem no restaurante Papa Song como garçonetes? Grosfoguel (2008) elucida que, por meio da colonização, “[...] chegou o homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/europeu, com as suas várias hierarquias globais enredadas e coexistentes no espaço e no tempo.” (p. 122).

Frente a toda essa realidade exploratória, Sonmi~451 surge como a única clone capaz de se desvencilhar da prisão intelectual criada por esse sistema opressor. Sendo assim, consegue escapar do restaurante e iniciar uma jornada pelo mundo afora, tomando o conhecimento de todas as práticas perversas do sistema corporático. A partir da proximidade com novas experiências, e, principalmente, após tomar ciência do modo de produção do sabão, bebida utilizada na alimentação de clones — “A indústria genômica necessita de quantidades gigantescas de biomatéria derretida [...] para o Sabão. Que outra maneira mais barata de suprir proteína existe além de reciclar clones que atingiram o final de suas vidas trabalhadoras?” (MITCHELL, 2004, p. 343)¹³ —, Sonmi decide escrever um manifesto abolicionista intitulado *Declarações*. E o que seria *Declarações* senão um aporte teórico

¹² Nomenclatura utilizada por Mitchell (2004) para designar pessoas que nasceram da concepção natural (tradução nossa de pureblood).

¹³ Tradução nossa do excerto: “The genomics industry demands huge quantities of liquefied biomatter [...] for Soap. What cheaper way to supply this protein than by recycling fabricants who have reached the end of their working lives?” (MITCHELL, 2004, p. 343)

subalterno? Esse é um exemplo do conceito de giro decolonial de Mignolo (2007), cuja função é a de conquistar

[...] a abertura e a liberdade do pensamento e de formas de outras vidas (outras economias, outras teorias políticas); a limpeza da colonialidade do ser e do saber; o desprendimento da retórica da modernidade e de seu imaginário imperial articulado na retórica da democracia. O pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo a decolonialidade do poder [...]. (p. 29-30)¹⁴

O giro decolonial permite a recuperação de escritos de autores subalternos, esquecidos e apagados pela visão eurocêntrica do saber, revelando que o subalterno não somente fala, mas principalmente traz contribuições de conteúdo de extrema relevância. A cientificidade do manifesto de Sonmi é descrito pela personagem no romance:

Eu, somente eu, escrevi *Declarações* durante três semanas em Ulsukdo Ceo [...]. Durante a escrita, consultei um juiz, um estudioso de genoma, um estudioso em sintaxe, e o general An-Kor Apis, mas os catecismos elevados de *Declarações*, sua lógica e ética, condenados no meu julgamento como “a perversão mais feia nos anais das depravações”, foram frutos da *minha* mente, Arquivista, alimentados por experiências que narrei a você nessa manhã. (MITCHELL, 2004, p. 346-347)¹⁵

Declarações é um documento que condensa críticas a uma sociedade patológica, exploratória e predatória, mas é utilizado posteriormente como atestado contrário à União e aos movimentos abolicionistas. No entanto, Sonmi sabe muito bem que as ideias dela estão disseminadas no mundo e permanece à espera de um resgate, de um giro decolonial que desse valor aos escritos.

Esse manifesto escrito por Sonmi não chega a ser devidamente valorizado pela sociedade da época, sendo ela presa e executada por traição e conspiração. No entanto, os

¹⁴ Tradução nossa do excerto: “[...] la apertura y la libertad del pensamiento y de formas de vidas-otras (economías-otras, teorías políticas-otras); la limpieza de la colonialidad del ser y del saber; el desprendimiento de la retórica de la modernidad y de su imaginario imperial articulado en la retórica de la democracia. El pensamiento decolonial tiene como razón de ser y objetivo la decolonialidad del poder [...]” (MIGNOLO, 2007, p. 29-30)

¹⁵ Tradução nossa do excerto: “I, only I, wrote *Declarations* over three weeks at Ulsukdo Ceo [...]. During its composition I consulted a judge, a genomiscist, a syntaxist, and General An-Kor Apis, but the Ascended Catechisms of *Declarations*, their logic and ethics, denounced at my trial as ‘the ugliest wickedness in the annals of deviancy,’ were the fruits of *my* mind, Archivist, fed by xperiences I have narrated to you this morning.” (MITCHELL, 2004, p. 346-347)

resultados dessas palavras são grandes no futuro, como pode ser abstraído no capítulo seguinte da narrativa. Em “Sloosha’s Crossin’ an’ Ev’rythin’ After”, as tribos do vale cultuam a deusa Sonmi, cujas palavras de paz e de decolonialidade alcançam esse tempo futuro, provavelmente pela última entrevista e pelo manifesto.

Gostaríamos de, nesse momento, reservar um espaço para discorrer acerca das formas pelas quais os documentos se mantêm intactos até a atualidade. Afinal, sabe-se que os colonizadores não prezam pela cultura do outro e que inclusive buscam destruir e apagar qualquer registro proveniente de minorias (vide a maneira como os Morioris foram apagados da historiografia, a tal ponto que na contemporaneidade há um lento movimento de reavivamento cultural e social dessa tribo).

Dessa forma, nos atentamos ao fato de que, se alguns registros resistem ao tempo e à imposição hegemônica do colonizador, há uma possibilidade de pessoas participantes das metanarrativas hierárquicas capitalistas modernas serem responsáveis por perceber o valor e guardar os escritos. Não há coincidência ou sorte na sobrevivência desses documentos, e, como muito dificilmente os marginalizados teriam poder de guardá-los a salvo, trazemos a hipótese da existência de dissidentes dentro das metanarrativas, sabedores de que um dia o giro decolonial poderia ocorrer e os registros seriam de grande relevância.

Dessa maneira, por meio do giro decolonial, Sonmi é capaz de fazer com que os registros e pensamentos ultrapassem o tempo/espaço e atinjam a vida de populações futuras. Zachry e o restante da tribo na história seguinte baseiam-se nos ensinamentos da clone para manterem uma ideologia pacífica, mas de não subordinação às tribos mais agressivas. Portanto, a voz subalterna não se perde; apenas transita-se nas espirais do tempo.

1.1.3. Autua e Sonmi~451 e as hierarquias escravocratas

Retornando às hierarquias do sistema, enquanto Sonmi luta contra as hierarquias escravocratas patriarcais, Autua enfrenta as hierarquias de cunho racistas, pautadas nas ideologias capitalistas ao se depararem com civilizações fenotipicamente distintas. Quijano (2007) admite que questões raciais estão no cerne das discussões de poder e do Capitalismo, percebendo que conjuntamente com a diferenciação da população entre europeus e não europeus veio a classificação de dominantes/superiores e dominados/inferiores, respectivamente. Dessa maneira, como os grupos hegemônicos europeus se consideram

superiores, todos os grupos distintos — aqui a aparência biológica como raça, gênero, sexo, entre outros, são levados em conta — são instantaneamente tratados como inferiores.

É por isso que na narrativa de Mitchell, principalmente quando se dá na metade do século XIX em “The Pacific Journal of Adam Ewing”, há uma forte presença de racismo. Os Europeus não chegaram nas terras do pacífico sem ideologias; de fato, a latência de hierarquias nos diversos níveis sociais era gigantesca. Advindos de partes da Europa e dos Estados Unidos, os marinheiros e passageiros do navio *Prophetess*, no qual Ewing e Autua conversam pela primeira vez, manifestam, de modo predominante, um racismo explícito quanto às tribos indígenas da Nova Zelândia.

O racismo se constrói pelo choque cultural e pela forte presença de hierarquias por parte dos grupos hegemônicos, que, no caso de Autua, o desconsideram por causa de características fenotípicas e culturais. Segundo Quijano, essa identificação biológica exterior se dá

[...] em um primeiro momento, principalmente pela “cor” da pele e do cabelo, e pela forma e cor dos olhos; mais tarde, nos séculos XIX e XX, também por outros traços como a forma do rosto, o tamanho do crânio, a forma e o tamanho do nariz. [...] Desse modo, definiu-se aos dominadores/superiores europeus o atributo da “raça branca”, e a todos os dominados/inferiores “não europeus”, o atributo das “raças de cor”. (p. 120)¹⁶

Assim sofre Autua com personagens como Mr. Boerhaave, tripulante de *Prophetess*, que traz o racismo explícito em diversas situações. Comentários como “Então esse m——a de preto quer que nós o sejamos gratos?” (MITCHELL, 2004, p. 33)¹⁷ — momento em que Adam Ewing revela ao capitão Molyneux e à Boerhaave que Autua está como clandestino na expedição, mas que poderia pagar pela passagem trabalhando como marinheiro —, e “Eu já te disse, seu nego, que o norte-americano não é seu problema! & se uma ordem direta não

¹⁶ Tradução nossa do excerto: “[...] en un primer periodo, principalmente el “color” de la piel y del cabello y la forma y el color de los ojos; más tarde, en los siglos XIX y XX, también otros rasgos como la forma de la cara, el tamaño del cráneo, la forma y el tamaño de la nariz. [...] De ese modo, se adjudicó a los dominadores/superiores europeos el atributo de ‘raza blanca’, y a todos los dominados/inferiores ‘no-europeos’, el atributo de ‘razas de color’.” (QUIJANO, 2007, p. 120)

¹⁷ Tradução nossa do excerto: “So this d——d Blackamoor wants us to be *grateful* to him?” (MITCHELL, 2004, p. 33)

convencer você —” (MITCHELL, 2004, p. 504)¹⁸ — instante em que Autua tenta ajudar Ewing a vomitar todo o veneno que Henry Goose o deu e Boerhaave tenta impedi-lo.

Nesses exemplos, conseguimos abstrair a superioridade de Boerhaave na posição de colonizador. Para o marinheiro, Autua é um escravo fugitivo desprezível, sem cultura nem modos e, por isso, passível de ser tratado como um objeto, isto é, inferiorizado e até maltratado fisicamente. O racismo e as divisões de poder pautadas nas diferenças raciais são práticas constantes nas colônias durante o colonialismo e se mantêm, em certo grau, no pós-colonialismo, com a continuação da colonialidade. Não é por acaso que vemos Sonmi, séculos depois, sendo considerada como alguém de raça diferente dos cidadãos da corporocracia; até o nome são distintos: os clones são chamados de “fabricantes” e os cidadãos de “consumidores” ou “sangue-puros”.

De fato, exemplos em que o racismo aparece na narrativa de Ewing são constantes. O racismo eurocentrado se dá de forma clara quando relatam a Ewing a posição dos europeus perante o genocídio dos Morioris — “James Coffee, um criador de porcos, disse que os Maoris fizeram um serviço aos homens brancos ao exterminarem outra raça de brutos para abrir espaço pra nós [...]” (MITCHELL, 2004, p. 16)¹⁹ —; e quando Autua está procurando um hospital em Honolulu para salvar Ewing — “Três vezes perguntou a estranhos, ‘Onde doutor, amigo?’ Três vezes foi ignorado (um respondeu, ‘Nenhum medicamento para Pretos fedidos!’) até que um velho vendedor de peixes grunhiu a localização de um hospital.” (MITCHELL, 2004, p. 505)²⁰.

O escancaramento da hierarquia étnico-racial está presente na narrativa com a finalidade de expor uma realidade crua e perversa da metade do século XIX. Afinal, o sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal, com hierarquias sociais e relação de poder, funciona dessa maneira. As metanarrativas machistas, racistas, heteronormativas percorrem todos os períodos do romance, tendo em vista que o sistema não muda, apenas continua e evolui dentro de suas próprias ideologias.

¹⁸ Tradução nossa do excerto: “I told you once, nigger, that Yankee’s no concern of yours! & if a direct order won’t convince you—” (MITCHELL, 2004, p. 504)

¹⁹ Tradução nossa do excerto: “James Coffee, a hog farmer, said the Maori had performed the White Man a service by exterminating another race of brutes to make space for us [...]” (MITCHELL, 2004, p. 16)

²⁰ Tradução nossa do excerto: “Thrice he asked of strangers, ‘Where doctor, friend?’ Thrice he was ignored (one answered, ‘No medicine for stinking Blacks!’) before an old fish seller grunted directions to a sick house.” (MITCHELL, 2004, p. 505)

No entanto, o que tornam os personagens principais de *Cloud Atlas* louváveis é a ausência de dualismos e fundamentalismos. É o modo de encarar firmemente as adversidades da vida que permitem Autua, por exemplo, impactar na vida de Ewing, isto é, que fazem o personagem norte-americano repensar toda a estrutura social capitalista hierárquica e buscar um projeto de vida (e pós vida?) pautado no abolicionismo e na igualdade social. De maneira semelhante, Sonmi~451, mesmo enfrentando o governo corporativo repressor, e sabendo da traição de praticamente todos os companheiros da jornada pelo território de Nea So Copros, é capaz de redigir o *Declarações* e de realizar uma entrevista que influenciará a vida de inúmeras pessoas.

Dessa forma, ambas as personagens conseguem perceber a necessidade de uma nova manifestação dos subalternos, uma expressão não primitiva, e que surja como uma resposta positiva ao apagamento da história, mas sim da confrontação com o presente. O subalterno não pode apenas se rebelar instintivamente, refutando completamente as influências ocidentais, mas utilizá-las como plataformas da expressão dos marginalizados.

Portanto, ao fim deste trabalho pudemos reconhecer a pertinência de estudos decoloniais na atualidade devido à manutenção histórica e social das estruturas da colonização nos países já independentes e “tecnicamente” descolonizados. A decolonialidade se faz mais necessária na medida em que teorias e escritos subalternos ainda são desprezadas e emudecidos pela crítica, cujo clamor somente atende aos pensadores eurocêntricos. Movimentos como os estudos subalternos latinos são responsáveis por auxiliar na realização de um giro decolonial, trazendo à superfície intelectuais subalternos.

Tratando, por sua vez, da narrativa em análise, tanto Autua quanto Sonmi~451 funcionam como exemplos de discursos decoloniais, seja pelo giro decolonial da clone coreana ao escrever as *Declarações*, seja pelas atitudes decolonizadoras do índio Moriori ao mesclar os ideais pacifistas de sua tribo com as ideologias de bondade cristãs ocidentais. Ambos contribuem para a disseminação de que o mundo, através dos diversos séculos, mantém um sistema colonial (explícito na colonização ou implícito no pós-colonialismo) em que os subalternos são menosprezados e silenciados. Mais do que isso, as personagens colaboram na luta decolonial pelos direitos de fala e poder dos subalternos, pelo fim da escravidão, e pela igualdade racial.

Referências Bibliográficas

CASTRO-GÓMEZ, S. *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.

CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSGUÉL, R. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: _____. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-25.

DAVIS, D.; SOLOMON, M. *Moriori - The migrations from Hawaiki*. Te Ara - the Encyclopedia of New Zealand, 2012. Disponível em: <<http://www.TeAra.govt.nz/en/moriori/page-2>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

GROSGUÉL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 80, p. 115-147, 2008.

HOWE, K. R. *Ideas of Māori origins*. Te Ara - the Encyclopedia of New Zealand, 2015. Disponível em <<http://www.TeAra.govt.nz/en/ideas-of-maori-origins>>. Acesso em: 5 Jun. 2016.

MALLON, F. E. The Promise and Dilemma of Subaltern Studies: Perspectives from Latin American History. *The American Historical Review*, Bloomington, v. 99, n. 5, p. 1491-1515. 1994.

MIGNOLO, W. D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSGUÉL, R. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-47.

MITCHELL, D. *Cloud Atlas*. London: Random House, 2004.

PATAKA EDUCATION. The Moriori of Rekohu: T'chakat henu - People of the Land. Disponível em: <http://www.pataka.org.nz/wp-content/uploads/THE_MORIORI_11.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.